

TRANSITIVIDADE: DO VERBO À CONSTRUÇÃO

Maria Angélica Furtado da Cunha¹

José Romerito Silva²

RESUMO

Neste artigo, discutimos a transitividade verbal. Mais especificamente, confrontamos a abordagem desse fenômeno segundo a tradição gramatical, a proposta do Funcionalismo norte-americano em sua versão clássica e a perspectiva funcional centrada no uso aliada à Gramática de Construções. Desse modo, buscamos focalizar, sobretudo, o deslocamento da visão centrada na oração, que considera a gradiência das relações entre o verbo e seu(s) argumento(s), para a que postula a transitividade como uma propriedade da construção. Nessa direção, examinamos a construção transitiva, a partir de usos efetivos da língua em textos de fala e de escrita, procurando identificar pressões de natureza discursivo-pragmática na perspectivização de eventos transitivos e o reflexo delas na expressão dos construtos que os codificam.

Palavras-chave: Transitividade. Construção. Linguística Funcional Centrada xno Uso.

ABSTRACT

In this paper we discuss verbal transitivity. More specifically, we confront the approach to this grammatical phenomenon according to grammatical tradition, the proposal of North-American Functionalism in its classic version and the usage based functional perspective articulated to Construction Grammar. Thus, we attempt to focus, mainly, on the shift from the view centered on

1 Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: angefurtado@gmail.com

2 Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: j.romer.silva@gmail.com.

the clause, which considers the gradience of the relation between a verb and its argument(s), to the one that postulates transitivity as a property of the construction. Thus, based on the effective uses of language in oral and written texts, we examine the transitive construction, trying to identify discourse-pragmatic pressures on the perspectivation of transitive events and how these pressures reflect on the expression of the constructs that encode these events.

Keywords: Transitivity. Construction. Usage-based Functional Linguistics

Introdução

A transitividade tem sido tradicionalmente tratada como uma propriedade dos verbos, classificados como transitivos ou intransitivos, conforme se encontra, por exemplo, em Almeida (1999), Bechara (2009), Rocha Lima (2011). No Funcionalismo norte-americano, mais particularmente em Hopper e Thompson (1980), esse fenômeno tem sido tomado como uma propriedade da oração, numa perspectiva escalar. Propomos aqui o tratamento da transitividade numa ótica funcionalista centrada no uso conjugada à Gramática de Construções.

Contrapondo-se ao que se constata na maioria dos compêndios de gramática tradicional, a abordagem funcionalista defende que as categorias linguísticas não possuem caráter discreto. Alinhados à visão de pesquisadores como Givón (1984), Lakoff (1987), Croft (1991), Taylor, (1997), os funcionalistas acolhem a ideia de que as categorias lexicais e gramaticais são gradientes, organizando-se em um *continuum*, em que feixes de traços estão mais ou menos presentes. Isso significa que as fronteiras entre uma categoria e outra não são nítidas e precisamente delimitadas (FURTADO DA CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2003).

Nesse sentido, investigamos se as orações transitivas que codificam diferentes eventos são resultado de polissemia construcional, em que as orações que se distanciam da cena transitiva prototípica herdam seus significados do sentido central da construção transitiva. A análise está orientada pelos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções. Os dados empíricos são provenientes de narrativas e relatos de procedimento produzidos por estudantes do ensino médio e universitários, coletados do *Corpus Discurso & Gramática* (FURTADO DA CUNHA, 1998), bem como de textos avulsos da *web*.

2. Transitividade na visão funcionalista norte-americana

A classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo, na visão tradicional, ancora-se em critérios sintático-semânticos: presença ou não de um Sintagma Nominal (SN) objeto (complemento verbal), exigido pelo significado do verbo.

Para a Linguística Funcional norte-americana, a transitividade é “uma propriedade contínua, escalar (ou gradiente), da oração como um todo. É na oração que se podem observar as relações entre o verbo e seu(s) argumento(s) – a gramática oração” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 37). Nesse sentido, uma oração pode ser considerada menos ou mais transitiva, a depender de um conjunto de traços – ou parâmetros – semânticos e morfossintáticos associados a cada participante para aferir em que medida este contribui para o grau de transitividade do evento (HOPPER; THOMPSON, 1980).

Esses traços, conquanto sejam independentes, atuam em conjunto e articulados na língua, o que implica que nenhum deles isoladamente é suficiente para determinar a transitividade de uma oração. Os parâmetros, segundo Hopper e Thompson, distribuem-se em dez categorias, as quais elencamos resumidamente a seguir: quantidade de participantes (um vs. mais de um), cinese (ação vs. não ação), aspecto (perfectivo vs. não perfectivo), pontualidade do verbo (pontual vs. não pontual), intencionalidade (intencional vs. não intencional), agentividade do sujeito (agentivo vs. não agentivo), polaridade (afirmativa vs. negativa), modalidade da oração (modo realis vs. modo irrealis), afetamento do objeto (afetado vs. não afetado) e individuação do objeto (individuado vs. não individuado). Quanto mais positivamente for marcada a oração (considerando-se os pares contrastivos de traços), mais alta ela se posicionará na escala da transitividade. Para melhor compreensão, vejamos as seguintes ocorrências, extraídas do *Corpus Discurso & Gramática* (FURTADO DA CUNHA, 1998):

(1) [...] aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele... né... que foi que eu fiz... joguei a chave no lixo... e saí feito uma louca... na escola... procurando o diretor...
(*Corpus D&G*, p. 51, fala)

(2) [...] se eu não me engano... ela presenciou o crime na... numa... na biblioteca lá...
(*Corpus D&G*, p. 83, fala)

(3) [...] eu tava com muita fome porque eu num tinha comido muito bem no avião... então a Rodoviária de Porto Alegre tem umas lanchonetes assim super apetitosas... umas tangerinas... uns... uns bolos super transados... (*Corpus D&G*, p. 101, fala)

A oração destacada em (1) localiza-se no ponto mais alto da escala de transitividade (grau 10), pois apresenta todos os traços de alta transitividade, ou seja, é marcada positivamente quanto a todos os parâmetros descritos anteriormente, com a vantagem, ainda, de conter três participantes (*eu, a chave e o lixo*). Em (2), a oração em destaque apresenta grau 6 nessa escala, pois, embora também tenha um verbo transitivo direto (*presenciar*), é marcada negativamente em relação aos traços cinese, agentividade e intencionalidade do sujeito e afetamento do objeto, além de ter apenas dois participantes (*ela e o crime*). Por fim, a oração destacada em (3) possui grau 3 de transitividade, pois só apresenta os traços polaridade afirmativa e modalidade realis da oração, contendo, também, somente dois participantes (*a Rodoviária de Porto Alegre e umas lanchonetes*).

Considerando-se a abordagem do fenômeno feita pela gramática tradicional, os verbos das orações destacadas de (1) a (3) seriam todos vistos como igualmente transitivos – pelo fato de “exigirem”/apresentarem complementos – e, portanto, receberiam a mesma classificação, isto é, transitivos diretos. Sob a ótica de Hopper e Thompson (1980), contudo, não basta considerar tão somente a complementaridade do verbo. Em vez disso, é preciso levar em conta, além desse fator, os demais componentes relacionados ao verbo bem como as propriedades semânticas do evento codificado pela oração sob análise. Sendo assim, poderia haver o caso de uma oração tradicionalmente concebida como “intransitiva” ter maior grau de transitividade do que uma tomada como transitiva.

Seguindo a linha desses autores, admitimos a existência de uma oração transitiva prototípica, que reflete a transferência completa da ação de um participante para outro, causando alguma modificação no estado deste. Com base nesse padrão, são analisados outros exemplares de orações com maior ou menor grau de transitividade, conforme se aproximem ou se distanciem do protótipo.

Embora o tratamento da transitividade proposto por esses autores represente um grande avanço no estudo desse tópico, ele toma a oração, construída em torno de um elemento predicativo, como a unidade básica de organização da descrição sintática. Frequentemente, mas nem sempre, esse elemento predicativo – nesse caso, o verbo – é acompanhado de um ou mais elementos nominais – seus argumentos.

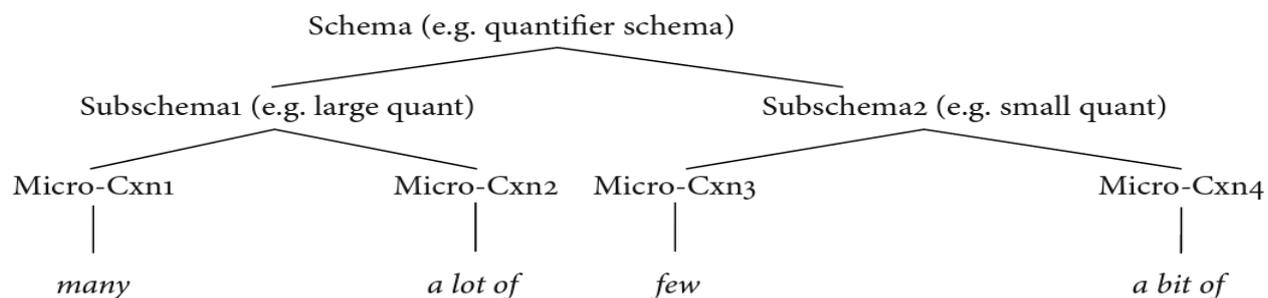
Segundo Chafe (1979), o universo conceptual humano está dividido em duas grandes áreas: a do verbo e a do nome. A área do verbo é central e compreende eventos e estados (condições, qualidades); a área do nome é periférica e compreende “coisas” (objetos físicos e abstrações coisificadas). A centralidade do verbo pode ser justificada com base em alguns pontos listados por Chafe. Primeiramente, nas línguas naturais, há sempre um verbo semanticamente presente nos enunciados, o que indica que a classe dos verbos é um universal linguístico. Embora o verbo seja comumente acompanhado por um ou mais nomes – seus argumentos –, há orações em que apenas um verbo está presente, como *Saia!*, por exemplo. Em segundo lugar, é a natureza semântica do verbo que determina como a oração deverá ser formada: que nomes podem acompanhar o verbo, que relação sintática esses nomes mantêm com o verbo (sujeito, objeto etc.) e que papel semântico (agente, paciente etc.) esses nomes desempenham.

Em uma posição de complementariedade à visão esboçada acima, a Gramática de Construções (doravante, GC), tal como formulada por Goldberg (1995), busca determinar a natureza do significado do verbo e sua relação com o significado da oração. Além disso, investiga como e em que medida enunciados novos se baseiam em enunciados previamente aprendidos. Para tanto, propõe um estudo dos tipos básicos de oração – as “orações simples” dos gramáticos tradicionais.

A tese central que orienta a GC é que as orações básicas de uma língua são instâncias de construções – correspondências forma-significado que existem independentemente de verbos particulares, afastando-se, assim, do que defende Chafe. Embora não negue que uma grande quantidade de informação é fornecida por itens lexicais individuais, a GC argumenta que as próprias construções têm significado, independentemente das palavras que compõem a oração. É esse ponto de vista que exploramos aqui, identificando os padrões estruturais mais frequentes instanciados pela construção transitiva em textos falados e escritos.

A proposta construcional de Traugott e Trousdale (2013) contempla um sistema hierárquico organizado em três níveis: os esquemas, que são generalizações de nível mais alto e mais abstrato; os subesquemas, que são menos esquemáticos do que os esquemas e estão ligados ao sentido central da construção; as microconstruções, que representam tipos individuais de construção, instanciam os subesquemas e são, por sua vez, instanciadas por construtos (*tokens*), ocorrências empiricamente atestadas, ou instâncias de uso em uma situação específica, produzidas por um falante particular com um propósito comunicativo determinado. No quadro a seguir, ilustramos essa proposta.

Figura 1 - Relações hierárquicas da rede construcional.



Fonte - Traugott e Trousdale (2013, p. 16).

Segundo Goldberg (1995), as relações entre construções podem se dar por *links* distintos de herança. Para ela, existem quatro tipos básicos de *links*: polissemia, metáfora, subparte e instanciação. O primeiro revela as relações semânticas entre uma construção e suas extensões de sentido. Esse tipo de *link* pode ser ilustrado com a construção ditransitiva, em que um agente causa a transferência de um objeto para um recipiente. No caso dos verbos *dicendi*, contar algo a alguém, por exemplo, é visto como uma ação de “transferência” de informação. O segundo tipo de relação – o metafórico – tem a ver com a extensão de sentido de um verbo particular. Assim, *dar um fora em alguém*, por exemplo, demonstra a metaforização desse verbo, o qual se vincula à construção ditransitiva de transferência de posse. A relação por *subparte* ocorre quando uma construção apresenta uma configuração parcial de outra construção, existindo independentemente desta. Um exemplo disso é a construção resultativa *O arroz cozinhou*, que se transforma numa construção monoargumental. O quarto tipo – por instanciação – se mostra quando uma dada construção constitui-se num caso especial de outra. É o que se dá, por exemplo, com *O bebê espirrou mingau na mãe*, em que *espirrar*, convencionalmente usado como verbo intransitivo, nessa oração, comporta-se como verbo transitivo. Em todos esses casos de relação, o sancionamento é parcial, visto que se afastam, em certa medida e em algum aspecto, da construção prototípica básica (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).³

A perspectiva de análise que adotamos situa este trabalho no domínio da interface entre sintaxe, semântica e pragmática, de acordo com a postura teórico-metodológica corrente no quadro da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA, BISPO, e SILVA, 2013), em especial, na Gramática de Construções.

Em suma, a análise da transitividade pode ser feita sob diferentes ângulos: (i) a classificação

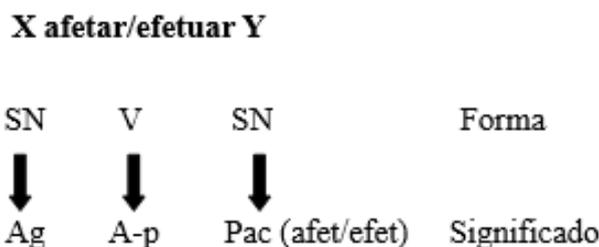
3 Serão explorados aqui apenas os links de herança observados nas ocorrências do *corpus* utilizado.

tradicional é centrada no verbo; (ii) a classificação funcional é centrada na oração; (iii) a classificação construcional é centrada no pareamento abstrato forma-significado; por fim, (iv) a classificação da LFCU é centrada na oração em contexto, propondo a unificação das abordagens funcional e construcional.

3. Abordagem construcional da transitividade

O padrão estrutural e o esquema conceptual ($Suj_{Agente} V_{Ação-processo} Obj_{Paciente}$) característicos dos verbos de ação-processo estão diretamente relacionados à expressão do evento transitivo prototípico, em que um agente intencional causa o afetamento ou efetramento⁴ de um participante paciente. Assim, um padrão básico de experiência é codificado em um padrão básico da língua. Assim, podemos dizer que a grande maioria das orações que são semanticamente transitivas são também sintaticamente transitivas, como prevê Givón (2001). Nessa linha, a oração transitiva canônica representa o esquema-*type* da construção transitiva prototípica (FURTADO DA CUNHA, 2015). Esse esquema pode ser representado da seguinte maneira:

Figura 2 - Esquema-*type* da construção transitiva prototípica.



Fonte - Autoria própria.

No *corpus* analisado, investigamos os padrões de estrutura argumental sintática dos verbos transitivos, concluindo que tanto na fala como na escrita predominam os verbos de ação-processo (42% dos dados, num total de 1.321 ocorrências), ou seja, aqueles que expressam uma ação em que um sujeito animado, intencional, causa uma mudança no estado ou na localização do paciente, como nas orações destacadas a seguir:

- (4) Biff pega esse almanaque... pega a máquina do tempo e volta para o passado... né (...) volta e dá aí esse almanaque... (*Corpus D&G*, p. 187, fala)

4 Alguns objetos de verbos de ação-processo são criados pela ação do verbo, e não transformados, como acontece com o objeto de outros verbos de ação-processo. Hopper (1987) chama esse caso de *objeto efetorado*, para distingui-lo de objeto afetado. Uma amostra disso pode ser vista, por exemplo, em “nós fizemos um círculo...” (*Corpus D&G/Natal*, p. 28, fala)

(5) [...] prepara o arroz... né... faz aquela limpeza total... bem lavado... preparo este arroz... preparo um molho pra refogar esse arroz... (*Corpus D&G*, p. 60, fala)

Entretanto, a análise do *corpus* mostrou que a estrutura argumental sintática preferida, mais frequente, é também a estrutura transitiva prototípica S V OD, tanto na fala como na escrita. Para os verbos de ação, constatamos 26% das ocorrências, como em (6); para os de processo, 12% dos dados, como em (7); para os de estado, que se afastam do protótipo semântico do evento transitivo, 20% dos dados, como em (8). Esse resultado é surpreendente na medida em que, por definição, o verbo de ação expressa uma atividade realizada por um sujeito agente que não implica necessariamente um segundo argumento, como *correr*, *rir*, ou verbos de movimento, como *ir*, *vir*, cujo complemento é um Sintagma Preposicional locativo. Por outro lado, o verbo de processo denota um evento que afeta um sujeito paciente e, portanto, também não envolve obrigatoriamente um segundo argumento, como *acordar*, *morrer*, *dormir*. Já os verbos de estado, como *ter*, *possuir*, *dever*, ou os de cognição/emoção, como *conhecer*, *querer*, *amar*, expressam uma propriedade localizada no sujeito, o qual é mero suporte dessa propriedade ou seu experienciador. Vejam-se os dados:

(6) [...] após subir a escada, encontra-se à direita um banheiro social e em frente a escada o quarto principal [...] (*Corpus D&G*, p. 25, escrita)

(7) [...] e eu fui lá... receber um livro e tal... (*Corpus D&G*, p. 180, fala)

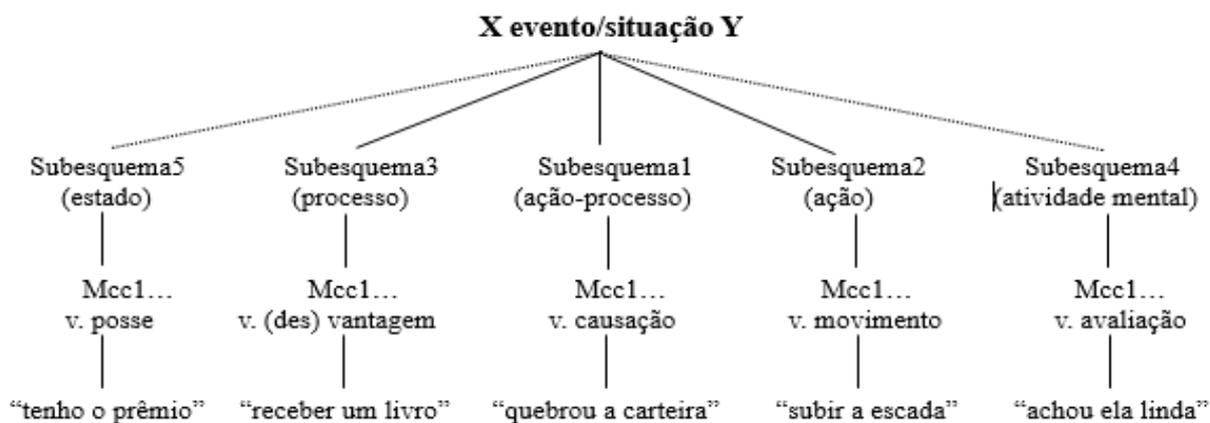
(8) [...] ela usava peruca loira... e ele... quando ele viu ela sem peruca ele achou ela linda... porque aquela peruca era muito artificial... (*Corpus D&G*, p. 112, fala)

(9) [...] e eu sempre trabalhando porque eu tenho o prêmio da melhor UNIJOVEM... (*Corpus D&G*, p. 177, fala)

As orações transitivas canônicas bem como as que se formam com verbos que se afastam semanticamente do evento transitivo prototípico instanciam um conjunto de microconstruções distintas as quais, por sua vez, podem ser correlacionadas a diferentes subesquemas representativos de um variado leque de graus de transitividade. Esse conjunto de microconstruções e de subesquemas são instanciações de um esquema construcional transitivo superordenado, compondo uma rede cuja esquematização se apresenta tal como mostramos na figura que segue, alinhados ao que defendem

Traugott e Trousdale (2013):

Figura 3 - Rede hierárquica da construção transitiva.



Fonte - Autoria própria.

A rede hierárquica da Figura 3 apresenta um esquema superordenado que configura a construção transitiva. Esse esquema é instanciado por um conjunto de *types* construcionais, os quais se distribuem em um conjunto diversificado de subesquemas conforme o significado básico que cada um possui, desde o mais central (prototípico) até os que deste mais se afastam, num *continuum* escalar (*ação-processo* > *ação* > *processo* > *atividade mental* > *estado*). Tais subesquemas, por sua vez, insemnam microconstruções também semanticamente variadas, a depender do significado dos verbos que as instanciam.

Retomando os dados de (6) a (9), temos o primeiro caso (6), em que, embora o construto com o verbo *subir* instancie o padrão transitivo (SVO), descrevendo uma ação realizada por um sujeito volitivo, nesse evento, o objeto *escada* não é afetado. Trata-se, portanto, de um caso de relação por instanciação, nos termos de Goldberg (1995), em que um verbo “intransitivo” (na verdade, transitivo relativo) de direção é usado transitivamente. No segundo (7), o construto com *receber* – que é convencionalmente de formato transitivo –, cujo complemento é *livro*, tem sujeito não agentivo. Sendo assim, essa microconstrução se afasta do sentido básico da construção matriz. Na amostra (8), *achar* constitui um caso de relação por mapeamento metafórico com a construção prototípica, visto que o sentido de tal verbo se encontra semanticamente abstratizado, significando *considerar/julgar* (GOLDBERG, 1995). Cabe assinalar, ainda, que, nesse caso, a construção tem um argumento adicional, que é a qualificação atribuída ao objeto, o que confere ao verbo o caráter transobjetivo. Sendo assim, podemos afirmar que, além do esquema transitivo, essa construção incorpora, ainda, o esquema SVOAdj, em que o adjetivo funciona como predicativo do complemento verbal. Desse

modo, essa (micro)construção relaciona-se à construção transitiva central por um link de herança por instanciação, uma vez que, nela, o verbo ultrapassa seu caráter transitivo básico, requerendo um argumento indiretamente vinculado a ele e mais associado ao objeto-complemento. Portanto, é plausível supor que, nessas condições, tem-se um caso de herança múltipla, conforme postulada, por exemplo, em Goldberg (1995, 2003) e em Traugott e Trousdale (2013). Por fim, (9) representa outro caso relacionado, mas, provavelmente, o mais afastado da construção transitiva central, posto que a cena descrita por *ter* não designa ação nem processo, o sujeito não é agente e o objeto não é afetado. Seu vínculo com a construção transitiva se dá pela analogia formal, isto é, pelo fato de consistir num verbo que designa posse, o qual se articula com dois argumentos (o sujeito, externo, e o objeto, interno).

Conforme podemos ver, todos esses casos constituem instanciações microconstrucionais, parcialmente sancionadas, da construção transitiva matriz, a ela relacionadas por links de herança de natureza diversa. Tais instanciações se distribuem de forma gradiente, revelando maior ou menor vinculação ao protótipo.

4. Construção transitiva e perspectivização do evento

Segundo Givón (1989), Casad (1995), Verhagen (2007) um evento/ estado de coisas pode ser conceitualizado/focalizado de diferentes perspectivas. Dependendo do quê e de como queira focalizar um dado acontecimento ou situação, o falante/escrevente pode selecionar um aspecto para ser destacado em detrimento de outro(s); pode, também, apresentar detalhes da cena, tornando-a mais especificada; ou pode, ainda, retratar algum participante a partir de um certo viés. Essas possibilidades têm um reflexo crucial na organização da informação e, conseqüentemente, na codificação linguística (cf. CROFT; CRUSE, 2004; LANGACKER, 2008). Cabe assinalar que, em qualquer desses casos, o locutor monitora o conteúdo (a ser) informado com base na (pres)suposição do que já seja ou não compartilhado com seu(s) interlocutor(es) (TRAUGOTT; DASHER, 2002; VERHAGEN, 2005).

Sob essa mesma ótica, Tomasello (1998) postula as noções de *evento referencial* e *evento de fala*. O primeiro vincula-se à estrutura semântica do que é comunicado, ou seja, ao conteúdo da informação em si; o segundo associa-se à maneira como esse conteúdo é codificado/focalizado, o qual depende de fatores discursivo-pragmáticos envolvidos na interação.

Sendo assim, um evento transitivo pode ser perspectivizado a partir de diferentes pontos de vista,

ou “modos de visualização”, conforme Langacker (2008, p. 55). Nesse sentido, a informação desse evento pode privilegiar o agente, levando à construção prototípica (Suj_{Agente} V_{Ação-processo} Obj_{Paciente}); pode, por outro lado, focalizar o paciente, o que resulta, em geral, na construção passiva (Suj_{Paciente} V_{Passivo} Obl_{Agente}); pode, alternativamente, perfilar o paciente como se fosse agente, sendo a codificação, nesse caso, uma construção medial (Suj_{Paciente} V_{Ação-processo}). Vemos, então, que um mesmo evento pode ser expresso por padrões construcionais diversos, a depender do ponto de vista adotado e dos interesses comunicativos em jogo.

Nessa linha de raciocínio, a construção transitiva pode assumir formatos distintos, variando entre a configuração prototípica e outras possibilidades de configuração que podem se distanciar do protótipo. Vamos focalizar aqui quatro dessas possíveis configurações: com apagamento do sujeito; com apagamento do objeto; com apagamento do sujeito e do objeto; e com topicalização do objeto.

Na primeira, o sujeito é apagado por representar um agente anafórico, como em (10), em que o sujeito-agente de *pegar* retoma *ele*, mencionado anteriormente:

(10) [...] *ele* passou ligeiro por dois casal num hotel que tava sentado num:: num:: banco de praça... aí [∅] pegou o casaco da mulher... (*Corpus D&G*, p. 345, fala).

Na segunda, há apagamento do objeto direto, cujo referente pode ser recuperado do contexto discursivo, ou cuja identidade exata é irrelevante para os propósitos comunicativos do falante, como em (11) e (12), respectivamente:

(11) [...] aí pego *o pano*... enrolo [∅] *na minha mão*... pra num queimar [∅]... (*Corpus D&G*, p. 166, fala)

(12) [...] a pessoa mata [∅]... você põe ela no presídio... (*Corpus D&G*, p. 100, fala)

Em (11), o objeto direto dos verbos *enrolar* e *queimar* são dados no contexto imediatamente precedente: *o pano* e *a minha mão*, respectivamente. Em (12), a identidade exata do referente objeto de *matar* não pode ser recuperada: infere-se que a pessoa mata qualquer indivíduo que interfira em suas atividades ilícitas. Com base em nossa experiência, atribuímos um argumento objeto ao verbo *matar*, embora, nesse contexto, não sejamos capazes de identificá-lo, já que ele representa

um elemento genérico, não específico. Assim, temos duas motivações distintas para o apagamento do objeto: uma relacionada ao fluxo textual imediato, em que o objeto está ativado na mente do interlocutor, sendo facilmente recuperado do contexto; outra vinculada à irrelevância comunicativa do complemento verbal.

A terceira configuração é aquela em que o foco recai sobre o evento em si e, por isso, os argumentos do verbo são apagados. Isso pode ser visto na amostra (13), em que os verbos sublinhados não são acompanhados nem por sujeito nem por objeto:

(13) Até achava que aqui batia um coração

Nada é orgânico é tudo programado

E eu achando que tinha me libertado

Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer:

Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba

Leia, vote, não se esqueça

Use, seja, ouça, diga

Tenha, more, gaste, viva

(PITTY. *Admirável chip novo*. Disponível em: <http://musica.com.br/artistas/pitty/m/admiravel-chip-novo/letra.html>. Acesso: 09/09/14)

Nesse excerto textual, identificamos os verbos *pensar, falar, comprar, beber, ler, usar, ouvir, dizer, ter e gastar*. Trata-se de verbos biargumentais cujo esquema construcional inclui dois participantes: o sujeito e o objeto. Ocorre que, nesses casos, os respectivos participantes são subtraídos. Isso se dá em razão de, primeiramente, os verbos estarem no imperativo, cuja forma, em geral, dispensa o uso

do sujeito; também pelo fato de os verbos sinalizarem eventos genéricos, sem interessar a informação dos objetos a ele relacionados. Assim, o que importa é focalizar os eventos em si mesmos e não os participantes neles envolvidos.

Outra possibilidade de configuração transitiva alternativa se dá com a topicalização do objeto, que ocupa a posição mais à esquerda da oração, a qual, em geral, é ocupada pela informação pragmaticamente orientada, isto é, o tópico oracional, que pode ser o sujeito ou qualquer outro componente da cláusula, como em (14) e (15):

(14) [...] o molho da pizza eu faço com ... é:: com alho... (*Corpus D&G*, p. 41, fala)

(15) [...] mas macarrão não ... macarrão eu faço sem óleo... (*Corpus D&G*, p. 350, fala)

Nos fragmentos em (14) e (15), os objetos *o molho da pizza* e *macarrão*, respectivamente, são embalados como o referente sobre o qual os procedimentos – como fazer molho de pizza e macarrão – são comunicados. Nesse sentido, a perspectivização do objeto reflete alternativas de configuração de um evento com dois participantes por pressões cognitivas e/ou discursivo-pragmáticas. Sendo perspectivizados como tópicos da informação, os objetos dessas orações são promovidos a figura na cena transitiva, ao mesmo tempo em que sinalizam informação velha.

Os dados de (10) a (15) demonstram que as instanciações da construção transitiva podem ser formalmente realizadas de modo distinto em razão de pressões discursivas e pragmáticas/contextuais. No que diz respeito à forma, temos as seguintes configurações transitivas: agente e/ou paciente anafórico/genérico, apagamento de argumentos, topicalização do objeto. Quanto ao significado, as instanciações vão do significado central da construção transitiva aos subsquemas em que o argumento sujeito não desempenha o papel semântico de agente e o argumento objeto não é paciente, do seguinte modo: X afetar/efetuar Y, X não é agente, Y não é paciente.

Esses modos distintos de perspectivizar cenas transitivas, portanto, podem ser correlacionados às noções de evento referencial e evento de fala, formuladas por Tomasello (1998), conforme explicitadas anteriormente. Nos casos examinados, podemos verificar que, embora a estrutura semântica da cena se mantenha (isto é, um evento/uma situação que envolve, pelo menos, dois participantes), a configuração formal da construção que a codifica varia em razão do jogo comunicativo estabelecido

entre os parceiros de interação.

Palavras finais

Neste artigo, discutimos brevemente a transitividade verbal. Nossa intenção foi, primeiramente, focalizar a mudança no tratamento desse fenômeno. Quanto a isso, explicitamos que a abordagem das orações transitivas concentrou-se, a princípio, no verbo, conforme a visão da gramática tradicional. O tratamento dispensado pelos compêndios gramaticais à transitividade não dá conta das variadas manifestações de orações transitivas. Isso porque é no uso que se forjam os distintos arranjos linguísticos com vistas a expressar determinados sentidos e a atender a propósitos comunicativos específicos.

Em seguida, revisamos a proposta funcionalista norte-americana, segundo a qual a oração é considerada como um todo, examinando-se propriedades semânticas e morfossintáticas dos componentes oracionais – sujeito, verbo e complemento(s) – envolvidos na cena descrita. Embora essa abordagem apresente-se como um refinamento em relação ao tratamento tradicional, ela tende a considerar o verbo como a unidade básica e central da oração.

Mais recentemente, adotando o enfoque construcional, o foco recai sobre a construção transitiva, observando-se, além do pareamento forma-função, as relações hierárquicas, os links de herança por meio dos quais as distintas instanciações dessa construção estão a ela vinculadas na rede bem como o grau dessa vinculação ao evento transitivo prototípico. Nesse viés, constatamos, nos casos analisados, o estabelecimento de links mais particularmente relacionados à herança por instanciação, por mapeamento metafórico e por herança múltipla, segundo postulados em Goldberg (1995).

Trabalhos recentes na linha funcionalista, a exemplo de Furtado da Cunha (2011, 2014), Furtado da Cunha e Bispo (2012, 2013), Lucena (2016), evidenciam que a estrutura argumental dos verbos tem a ver com frequência no uso linguístico real. Demonstram, ainda, que a transitividade é uma propriedade não do verbo *per se*, posto que verbos intransitivos, por exemplo, podem ser usados transitivamente, mas da construção como um todo.

Nesse viés, analisamos, ainda, a perspectivização da construção transitiva em situações de fala e de escrita. A esse respeito, vimos que, no discurso, essa construção pode ser instanciada de formas diversas: com apagamento do sujeito, com apagamento do objeto, com a omissão de ambos ou com

a topicalização do objeto. Nos três primeiros casos, a diversidade formal se deve ao fato de um dos argumentos ser já dado, inferível ou irrelevante no co(n)texto discursivo; no último, a promoção do objeto se dá em razão de o falante/escrevente desejar pôr esse elemento em destaque. Assim, as distinções formais exibidas por determinadas instanciações da construção transitiva são mais de natureza discursivo-pragmática do que propriamente semântica.

REFERÊNCIAS

Casad, E. H. (1995). Seeing it in more than one way. In: Taylor, J. R. & MacLaury, R. E. (eds.). *Language and the cognitive construal of the world*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, p. 23-50.

Chafe, W. L. (1979). *Significado e estrutura linguística*. Trad. Maria Helena de Moura Neves, Odete Gertrudes, Luiza Campos e Sonia Rodrigues. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico.

Croft, W. (1991). *Syntactic categories and grammatical relations: the cognitive organization of information*. Chicago: The University of Chicago Press.

_____. & Cruse, A. D. (2004). *Cognitive linguistic*. Cambridge: Cambridge University Press. (Col. Cambridge Textbooks in Linguistics).

Furtado da Cunha, M. A. (org.). (1998). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal, RN: EDUFRN.

_____. (2011). Construções de estrutura argumental no português do Brasil. *Anais do XVII Congresso Internacional da ALFAL*. João Pessoa: Ideia.

_____. (2014). A construção transitiva no português do Brasil. *Documentos para el XVI Congreso Internacional de la Asociación de la ALFAL*.

_____. (org.). (2015). *A gramática da oração: diferentes olhares*. Natal: EDUFRN.

_____. & Bispo, E. B. (2012). Relações sintático-semânticas da oração. In: Palomanes, R. & Bravin, A. M. (orgs.). *Práticas de ensino do português*. São Paulo: Contexto, p. 143-164.

_____. & _____. (2013). Transitividade: ensino reflexivo de gramática. Disponível em <http://www.simelp.letras.ufg.br/anais.php>.

_____.; _____. & Silva, J. R. (2013). Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: Cezario, M. M. & Furtado da Cunha, M. A. (orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ.

_____.; Costa, M. A. & Cezario, M. M. (2003). Pressupostos teóricos fundamentais. In: Furtado da Cunha, M. A.; Oliveira, M. R. de. & Martelotta, M. E. (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 29-55.

_____. & Souza, M. M. de. (2011). *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez. (Col. Leituras Introdutórias em Linguagem, v. 2).

Givón, T. (1984). *Syntax: a functional-typological introduction*, v. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins.

_____. (1989). *Mind, code and context: essays in pragmatics*. Hillsdale, New Jersey; London: Lawrence Erlbaum Associates.

_____. (2001). *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins.

Goldberg, A. E. (1995). *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.

_____. (2003). Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, 7:219–224.

Hopper, P. J. (1987). Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*. v. 13, p. 139-157.

_____. & Thompson, S. A. (1980). Transitivity in grammar and discourse. *Language*, p. 251-299.

Lucena, N. de L. (2016). *A construção transitiva no PB: uma abordagem funcional centrada no uso*. Tese de doutorado. UFRN.

Lakoff, G. (1987). *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press.

Langacker, R. W. (2008). *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Taylor, J. R. (1997). *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press.

Tomasello, M. (1998). Introduction: a cognitive-functional perspective on language structure. In: _____. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: LEA, p. vii-xxiii.

Traugott, E. C. & Dasher, R. B. (2002). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. & Trousdale, G. (2013). *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.

Verhagen, A. (2005). *Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax, and cognition*. Oxford: Oxford University Press.

_____. Construal and perspectivization. In: Geeraerts, D. & Cuyckens, H. (eds.). (2007). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, p. 48-81.